

considerados legítimos, justificados pelos pressupostos médicos, biológicos, anatômicos e de gênero. Considero que, ao se apresentarem como a diferença que confronta a sexualidade normativa, diferença que o currículo tenta assimilar e despotencializar através de sua redução à diversidade tolerada, os sujeitos da pesquisa levam o imprevisto para a escola, possibilitando que se pense o currículo como local também de desconstrução das identidades. A partir dos depoimentos do grupo focal, abordo a compulsoriedade da identidade heterossexual na escola, os mecanismos curriculares utilizados para sua produção e reiteração, e algumas estratégias que permitem vaziar esse discurso. Desenvolvo minha argumentação com base no potencial desestabilizador dessas estudantes, que desacomodam o cotidiano escolar, na intenção de pensar o impensável no currículo. A partir da percepção desses efeitos, no contexto da ampliação do campo e das perspectivas dos estudos curriculares, destaco a importância da produção acadêmica sobre a presença de sexualidades não normativas no ambiente escolar, como ferramenta para pensar a educação como produção da diferença, afastando da sexualidade o caráter de pedagogia normativa, legitimadora de uma identidade sexual hegemônica que se pretende estável e natural.

### Aloisio Jorge de Jesus Monteiro

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
aloisiojjm@gmail.com

#### *Os sobreviventes das fronteiras: educação e currículo em espaços de violência instituída.*

A inquietação por tentar entender a teia que a humanidade contemporânea tece nos dias hoje, e identificar assim, pistas nas rotas que essa sociedade planetária constrói cotidianamente, me instigou a voltar minha atenção para memória 'pouco' visível dos processos globalizadores, que em sua complexidade, re lançam, simultaneamente, possibilidades plurais para a refundação das culturas ou de continuum homogêneos, com aprofundamento das excludências.

Segundo Walter Benjamin, a civilização em determinados momentos históricos assume características de Barbárie. Podemos perceber que, se por um lado, um processo acelerado de excludências se alarga, por outro, diversos movimentos plurais avançam.

Identificamos que, de forma cada vez mais acelerada, pilhas de produtos culturais se impõem sobre nossas cabeças, muitas vezes nos impedindo de avançar, na medida em que a velocidade assume uma dimensão política de afirmação de um status quo vigente, como afirma Paul Virilio (1996), no momento em que a reflexão se vê subordinada a um processo de "Estado de Urgência", onde "parar ('para pensar') significa morrer".

O momento atual está partilhando outra concepção de Política, de Ética e de Estado. Os significados e valores se embaralham e, tudo isso, cobra um espaço crescente para a educação e para os movimentos culturais de fronteira. Será que não é hora de apoiarmos uma nova 'Barbárie'?

É necessário situarmos o lugar dos movimentos instituintes que buscam superar possíveis violências instituídas, e que se apresentam como 'outras' possibilidades educacionais e curriculares a partir das comunidades fronteiriças, tecendo instrumentos diferenciados na superação de uma política neoconservadora, expressa por uma globalização excludente, e que não pode subtrair-se assim, dos impactos marcados pela polifonia de diversos sujeitos históricos, que se apresentam, concretamente, na transformação do crescente cenário de violência do mundo atual.

Radicalizando a apreensão de possibilidades mais plurais, procuramos identificar os conceitos de território e identidade, bem como, suas possíveis confluências com a complexidade das novas configurações sociais. Nesse sentido, o presente trabalho busca discutir a partir das noções de território, identidade e fronteira, e através do conceito de memórias e narrações em Walter Benjamin, perspectivas plurais no campo educacional e curricular, tendo em vista o crescente cenário de refinamento da cultura de violência instituída, expressos em um mundo globalizado.

### Ana Sofia Magalhães & Maria José Magalhães

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto  
asofiacmagalhaes@gmail.com

#### *Intervenção sócio-educativa no contexto de uma CPCJ*

Problematizar a dimensão educativa em contextos não escolares constitui um dos desafios das ciências da educação, nomeadamente no que se refere à construção da sua profissionalidade.

Neste sentido, esta comunicação insere-se no âmbito de uma investigação de mestrado em Ciências da Educação no contexto de uma CPCJ do Distrito do Porto, em que se procura construir a investigação e intervenção sócio-educativas no contexto do triângulo institucional entre escola, família e instituições de protecção social.

Partindo de investigações já realizadas nas Ciências da Educação (FPCEUP), Débora Fernandes (2008), Marta Silva (2008), Anabela Lemos (2008), Artemisa Coimbra (2008), Aurélie Cardoso (2009), Rosa Mary Manso (2009), Daniela Silva (2009), esta comunicação pretende esboçar os conteúdos e as metodologias de intervenção educativa no campo dos maus-tratos e negligência, incluindo o abandono escolar, em contexto de trabalho numa CPCJ.

Identificando as principais problemáticas trabalhadas nas CPCJ pretende-se abordar as questões de maus-tratos, negligência e abandono escolar de crianças e jovens que são sinalizados. Num sentido mais restrito, pretende-se abordar os casos de negligência (passiva), absentismo e abandono escolar, e perceber de que modo a escolaridade e nível socioeconómico familiar influencia o percurso educativo dos menores sinalizados. Identificando o abandono escolar como uma das dimensões da negligência e da não concretização dos direitos das crianças, a intervenção sócio-educativa visa reflectir sobre as dimensões educativas do fenómeno, assim como a construção de ferramentas cognitivas com as famílias, as escolas e as CPCJ no sentido da prevenção primária, secundária e terciária.

No sentido de perceber a possível relação entre o nível escolar e socioeconómico das famílias, bem como estabelecer uma comunicação eficaz entre as diferentes instituições, o trabalho realizou-se à luz da metodologia proposta pela investigação-ação, cujas técnicas utilizadas são: observação participante, inquérito, entrevista semi-aberta e empowerment.

### Anderson Ferrari

Universidade Federal de Juiz de Fora  
aferrari13@globocom

#### *Pra que time ele joga?" – Cultura visual e currículo: contribuições para o trabalho com as sexualidades*

O presente trabalho é parte de uma pesquisa que busca analisar as relações da construção das homossexualidades com as teorizações e análises no campo da Cultura Visual, associando-as com questões de gênero e sexualidade e o seu envolvimento e interesse pelo campo da educação, sobretudo, com o currículo. Desde 2006 há um investimento do governo federal brasileiro, em articulação com a pauta de luta e de reivindicações dos grupos gays organizados, pela introdução de temas relacionados às orientações sexuais nas escolas, servindo para problematizar a escola, a formação docente e o currículo. Parte dessas ações está direcionada a produção e veiculação de filmes que sirvam para detonar alguma discussão que comumente não está presente nos currículos tradicionais. Entendendo currículo como algo em constante processo e, portanto, provisório e instável, essas ações parecem trabalhar com o que Ellsworth define como "modo de endereçamento", ou seja, um termo originário dos estudos de cinema que envolve teoria, política e mudança social. Dessa forma, quero partir da escolha de um filme – "Pra que time ele joga?" – para ampliar a discussão entre cultura visual e currículo, pensando que tanto um quanto outro artefato é feito para alguém, pensando no público alvo, ou melhor, "quem que o filme e o currículo pensam que você é? Quem eles